

## UM OLHAR GENDRADO SOBRE A PERSONAGEM OPA E SOBRE OUTRAS PERSONAGENS FEMININAS DA OBRA *OS RIOS PROFUNDOS*, DE ARGUEDAS

Nathalie Sá CAVALCANTE  
Maria Sárvia da Silva MARTINS  
Roseli Barros CUNHA  
Universidade Federal do Ceará

**Resumo:** O presente artigo caracteriza-se, sobretudo, pela análise da personagem Opa na obra *Os rios profundos* (1956), do escritor peruano José Maria Arguedas. O enfoque principal deste trabalho está voltado para a reflexão sobre a forma como a sexualidade e a identidade da personagem estão representadas e como estas representações são condicionadas, não só pelo fato de ser uma personagem feminina, mas também pela deficiência mental que possui. Além disso, faz-se uma breve análise acerca das outras personagens femininas presentes na obra. Contudo, para que possamos entender e mesmo realizar as reflexões aqui propostas, torna-se necessário considerar aspectos significativos que circundam a relação sexualidade e identidade, sob o viés de Simone de Beauvoir (1949), a violência simbólica, sob o viés de Pierre Bourdieu (2001), e a relação demência e desumanização, sob o viés de Castro-Klarén (1973). Este trabalho justifica-se pela necessidade de se pensar e difundir uma crítica literária pautada no estudo da identidade e das relações de gênero e pela necessidade de estudar a literatura arguediana, a fim de que não fique no esquecimento a contribuição ímpar que esse escritor deixou para a literatura latina-americana.

**Palavras-chave:** Gênero, Arguedas, Opa.

### José Maria Arguedas e *Os rios profundos*

José Maria Arguedas, escritor e antropólogo peruano, nasceu em 18 de janeiro de 1911 e faleceu, suicidando-se, em 2 de dezembro de 1969. Além de seu trabalho com traduções quéchuas<sup>119</sup> e com pesquisas antropológicas, produziu as obras literárias *Agua* (1935), *Yawar Fiesta* (1941), *Los rios profundos* (1958), *Todas las sangres* (1964), *El zorro de arriba y el zorro de abajo* (1971), o conto *El sueño Del pongo* (1965), dentre outras histórias.

*Os rios profundos*, obra focada neste artigo, é um romance que retrata a vida do personagem Ernesto, dividido entre a cultura do conquistador hispânico e a do inca ancestral, entre as viagens com o pai e o colégio interno, entre a descoberta da sexualidade e a descoberta do pecado cristão, entre a língua espanhola e a língua quéchua. Muitos fatores podem ser estudados nessa obra tão

---

<sup>119</sup> Quéchua, quíchua ou quéchua é uma língua indígena da América do Sul. É uma das línguas oficiais da Bolívia, do Peru e do Equador.

rica, por exemplo, a infância, a utilização de huaynos<sup>120</sup>, a transculturação, o internato como formador de identidade, a religiosidade, a peste, dentre outros, no entanto, nosso foco será na construção do feminino, mais especificamente, na construção da identidade da personagem feminina Marcelina, mais conhecida como Opa, ainda que, para isso, iremos discutir, brevemente, acerca das outras personagens femininas presentes no romance em questão - Dona Felipa, moças de Abancay e Chicheras - a fim de diferenciá-las da Opa.

### **As personagens femininas em *Os rios profundos***

O universo feminino em *Os rios profundos* é composto, principalmente, por a Dona Felipa, as Chicheras e a Opa. Encontramos também a presença da cozinheira do internato, da Salvinia, da Alcira, da esposa do médico de Abancay e da “senhora cusquenha”, entretanto, estas são personagens mais à margem da narrativa, aparecendo em poucos momentos.

A cozinheira do internato, personagem que não recebe uma denominação, é a protetora do aluno Palacitos, um índio que era o menor e o mais humilde aluno, representando, para ele, a imagem materna. Era a protetora, também, da personagem Opa e, já na metade do romance, do próprio Ernesto, ajudando-o a se esconder dos alunos mais velhos. Ao final do romance, falece devido à peste.

Salvinia, garota de doze anos, é a “namorada” de Antero. É descrita por Antero como magra, de pele morena e de olhos negros, no entanto, Ernesto a descreve como magra, de pele morena e de olhos da cor do zumbayllu<sup>121</sup> no momento em que está girando. Segundo Pereira (2002), tanto na relação sexual com a Opa, quanto na relação sentimental idealizada com Salvinia, há presente uma apropriação por parte do homem, pois este se torna dono da personagem feminina.

Alcira, garota da mesma idade de Salvinia, amiga desta, foi apresentada à Ernesto através de Antero. Menina com um olhar triste e com o cabelo bonito, era parecida com Clorinda<sup>122</sup>, garota do povoado de Saisa, por quem, durante a infância, Ernesto era apaixonado. Ernesto mantinha contato

---

<sup>120</sup> Gênero popular da música andina. Na obra *Os rios profundos*, funciona como uma forma de introduzir o leitor ao mundo cultural quéchua.

<sup>121</sup> Peão que simboliza muito mais que um brinquedo. Carrega, em si, uma expressão cultural e espiritual e um poder de levar mensagens, através do seu zumbido, para pessoas que estão distantes.

<sup>122</sup> Personagem que aparece, no enredo, apenas como uma memória, e não no tempo da narrativa.

com Alcira quando saia para a cidade, encontrando a idealização feminina que não existia no ambiente escolar.

A senhora cusquenha, outra personagem que não recebe um nome – pois Ernesto se esqueceu de perguntar -, aparece em, apenas, um momento da narrativa: durante o capítulo “O motim”. A senhora, com ar protetor, acompanha Ernesto, quase o abraçando, até o colégio; ao se despedir, beija os olhos do garoto. Desde então, Ernesto não mais esqueceu os olhos azuis, imortais e ternos que o protegeram.

Dona Felipa, líder das chicheras, exigiu a divisão do sal entre o povo, rebelando-se contra um sistema opressor. Representa o feminino não só como uma força de liderança, mas também como uma possibilidade de subversão, pois a personagem possuía dois maridos, indo de encontro ao sistema vigente patriarcal, cristão e monogâmico. Dona Felipa encontra-se no pólo oposto à personagem Opa, já que, diferentemente desta, ela desobedecia às leis, desafiava o poder masculino e livrava-se das perseguições que sofria.

As chicheras, mulheres que ficavam nas chicherías<sup>123</sup>, no bairro de Huanupata<sup>124</sup>, eram tidas como transgressoras, ganhando voz, espaço e autonomia, ainda que em um espaço limitado. Em um espaço limitado, pois:

No se podía bailar con ellas fácilmente; sus patronas las vigilaban e instruían con su larga y mañosa experiencia. Y muchos forasteros lloraban en las abras de los caminos, porque perdieron su tiempo inútilmente, noche tras noche, bebiendo chicha y cantando hasta el amanecer. (ARGUEDAS, 2006, p. 52)

Como pode ser percebido pelo trecho acima, as chicheras possuíam suas “patroas”, mulheres que dominam outras mulheres, uma relação de poder, não de gênero, mas econômica.

Por fim, a esposa do médico de Abancay, personagem que aparece em poucos momentos da narrativa e sem falas, mas que deixa sua marca no enredo por ser a mulher idealizada pelo Valle, aluno do quinto ano, conhecido por ser o que mais lê no internato. Ainda que muitas garotas de Abancay se interessem por ele, Valle, como faria um bom personagem romântico, toma, para si, o amor cortês e deseja uma mulher que já é compromissada.

### **Uma leitura gendrada da personagem *Opa* em *Os rios profundos***

<sup>123</sup> Estabelecimento onde se vende Chicha, bebida fermentada produzida pelos povos indígenas andinos.

<sup>124</sup> Definido como o bairro alegre de Abancay. Subúrbio sujo e de mau odor, mas onde Ernesto se sentia confortável, frequentando o local para ouvir huaynos.

A personagem Marcelina, mais conhecida como Opa – que significa “tonta”, “idiota” -, é uma mulher branca, baixa e gorda, com deficiência mental que é acolhida por um dos padres do internato e colocada para ser a ajudante da cozinheira. Durante a noite, é procurada pelos internos e forçada a ter relações sexuais com eles. É a personagem que mais marca a violência opressora cometida pelo masculino sobre o feminino na obra em questão. Essa violência, como demonstraremos a seguir, pode ser percebida tanto no nível do discursivo-simbólico, quando no nível da sexualidade<sup>125</sup>.

Personagem mais submissa, não só por sua condição feminina, mas por sua condição mental. Acerca disso, leiamos o trecho abaixo:

Mientras que la animalidad que gobierna su cuerpo es responsable por su agresiva conducta sexual, esa misma bestialidad las excusa de ser <pecadoras>, ya que su idiotez las previene del poder de ejercer juicios morales y las hace un tanto sufridoras. (CASTRO-KLARÉN, 1983)

A demência é causadora de uma desumanização na personagem, transformando-a em um ser sem responsabilidade sobre a sua conduta sócio-sexual, logo, lhe é tirada o julgamento de ser uma pecadora para atribuir-lhe o de ser uma vítima. Assim sendo, a caracterização do personagem vai de encontro ao arquétipo de Eva<sup>126</sup>, em que a mulher é a culpada por seduzir o homem. Opa não pretende seduzir nenhum dos garotos, estes, porém, vendo sua incapacidade de reflexão e de defesa, aproveitam-se fisicamente para obterem as descobertas sexuais da adolescência.

A demência coisifica a personagem. Tomando de empréstimo as discussões acerca de Sujeito e de Objeto propostas por Beauvoir (1970), ela deixa de ser Sujeito, isto é, de decidir, por si, suas próprias ações, para ser Objeto e ter suas ações decididas por terceiros. A coisificação empregada vai de encontro ao empoderamento da personagem. O empoderar-se, o tomar o poder sobre sua própria vida, só lhe é dado ao final do romance, quando a Opa, que é chamada, finalmente, por Marcelina, morre e tem a sua morte como a sua redenção. Neste momento do enredo, há uma ligação entre Opa e Dona Felipa, pois o lenço/manto<sup>127</sup> que, antes, pertencia a Dona Felipa, estava com a demente, atribuindo, a ela, a força representada pela líder das chicheras.

<sup>125</sup> Aqui, considera-se sexualidade não como identidade, mas como um conjunto de práticas sexuais.

<sup>126</sup> Arquétipo de mulher que peca e que faz com que o homem peque. É o contrário do arquétipo Maria.

<sup>127</sup> Vestimenta de origem indígena que, de modo transculturador, pode ser recordado como um manto de santo ou santa.

O masculino, grupo dominante, é o “Eu” da narrativa, enquanto que o feminino, grupo dominado é o “Outro”. É o Eu que se definindo como Eu define o Outro, logo, o Outro não se define, mas já está definido por meio de conceitos naturalizados. Essa problemática de identidade encontrada nas relações de poder entre um grupo subordinador e um grupo subordinado pode ser facilmente confirmada ao percebermos que a personagem Opa não produz falas durante a narrativa, comunicando-se, apenas, através de ações. Esta questão discursiva também foi abordada por Fernandez Cozman (2011), quando este afirma que Marcelina é uma personagem metonímica. Leiamos o seguinte trecho:

No era india; tenía los cabellos claros y su rostro era blanco, aunque estaba cubierto de inmundicia. Era baja y gorda. Algunas mañanas la encontraron saliendo de la alcoba del Padre que la trajo al Colegio. De noche, cuando iba al campo de recreo, caminaba rozando las paredes, silenciosamente. La descubrían ya muy cerca de la pared de madera de los excusados, o cuando empujaba una de las puertas. Causaba desconcierto y terror. Los alumnos grandes se golpeaban para llegar primero junto a ella, o hacían guardia cerca de los excusados, formando una corta fila (...). Pero casi siempre alguno la alcanzaba todavía en el camino y pretendía derribarla (ARGUEDAS, 2006, p. 58)

Personagens metonímicos são aqueles que não possuem a possibilidade de comunicação. Opa não se comunica através da linguagem oral, mas sim através de gestos e sinais, reafirmando sua coisificação, desumanização e metonificação. Outro personagem apontado como metonímico por Cozman (2011) é Lleras<sup>128</sup>, sendo definido como um “pseudoindividuo que no ha aprendido las mínimas reglas de convivencia social y vive en otro mundo: el de la barbárie”.

Por fim, Marcelina era vítima não só de violência sexual – cometida até pelo padre Augusto e por alguns dos jovens internos – mas também de violência simbólica. Acerca desse conceito:

A violência simbólica é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto, à dominação), quando dispõe apenas, para pensá-lo e para pensar a si mesmo, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de instrumentos de conhecimento partilhados entre si e que fazem surgir essa relação como natural, pelo fato de serem, na verdade, a forma incorporada da estrutura da relação de dominação; ou então, em outros termos, quando os esquemas por ele empregados no intuito de se perceber e de se apreciar, ou para perceber e apreciar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), constituem o produto da incorporação das classificações assim naturalizadas, cujo produto é seu ser social (BOURDIEU, 2001: 206).

---

<sup>128</sup> O mais arrogante e agressivo de todos os alunos do colégio interno, aproveitava-se do fato de ter mais idade e mais força física do que os outros alunos.

Os padres da instituição não penalizavam os alunos, até mesmo, fingiam que não sabiam o que acontecia, era algo tido como “natural”, logo, inquestionável, os alunos estavam, apenas, descobrindo suas sexualidades. Uma violência simbólica que começa pelo próprio nome da personagem, Opa. É uma relação de poder que se dá através da sexualidade – aqui, lembremos de Foucault (2011)<sup>129</sup>, que afirma que a sexualidade é a colocação da prática sexual no âmbito do discurso e do poder -, em que a identidade do ser social é submetida às suas práticas. Logo, a imposição prático-discursiva: Opa, inquestionavelmente coisa; padres e garotos do internato, “naturalmente superiores”.

## Conclusão

Cornejo Polar afirma que as personagens femininas na obra arguediana não são “interessantes”, que há sempre uma busca pelo personagem masculino. Nosso objetivo, então, foi mostrar o equívoco da frase acima, indo ao encontro de autores como Roland Forgues, que afirma que, juntamente com o índio, a mulher é um dos elementos mais importantes da obra arguediana. Podemos falar também que ela não só tem essa semelhança de relevância com o índio, como também, muitas vezes, é a responsável por fazer uma ponte entre a cultura do conquistador para a cultura do conquistado, a cultura inca.

Nosso objetivo foi focalizar na personagem Opa por acreditarmos que ela é a personagem que teve a condição feminina mais violentada, mas salientamos que todas as personagens podem e merecem ter uma atenção maior acerca das suas participações na narrativa. Portanto, nossa proposta nos parece favorável quanto à sua contribuição para o aumento da fortuna crítica em torno dos estudos relacionados com literatura latina – gênero – violência. Esperamos, também, que trabalhos como este possam oferecer subsídios para reflexões a respeito das relações de poder entre homens e mulheres – atitude esta que ainda prevalece na sociedade patriarcal – na obra do escritor José María Arguedas.

## Referências:

---

<sup>129</sup> Conceito trabalhado na obra “A ordem do discurso”, lançada primeiramente em 1970, no entanto, a edição utilizada para pesquisa foi a 21ª, lançada em 2011.

ARGUEDAS, José Maria. **Los ríos profundos**. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2006.

\_\_\_\_\_. **Os rios profundos**. Tradução de Gloria Rodriguez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista**. Maringá: EDUEM, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Küner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CASTRO-KLARÉN, Sara. **Crimen y castigo: sexualidad em J. M. Arguedas**. Revista iberoamericana 49/122 (enero-marzo 1983): 55-65.

CORNEJO POLAR, Antonio. **Los universos narrativos de José María Arguedas**. Buenos Aires: Losada, 1973.

FERNANDEZ COZMAN, Camilo. **Una retórica del personaje en Los ríos profundos de José María Arguedas**. Letras, ene./dic. 2011, vol.82, no.117, p.7-16. ISSN 2071-5072.

FORGES, Roland. **José María Arguedas: Del pensamiento dialéctico al pensamiento trágico. História de uma utopia**. Lima: Horizonte, 1989.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

FRANCO, Sergio R. **José María Arguedas: hacia una poética migrante**. Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana: Pittsburgh, 2006.

ORTIZ, Gracia Morales. **José M<sup>a</sup> Arguedas: El reto de La dualidad cultural**. Sevilla: Iluminaciones, 2011.

PEREIRA, Leonice Rodrigues. **Uma visão do internato através da leitura de Doidinho de José Lins do Rego e de Os Rios Profundos de José Maria Arguedas**. São Paulo: USP, 2002. (dissertação de mestrado)